

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
O QUE QUERO VER  
19 e 23 de dezembro de 2020

CHICAGO DEADLINE / 1949  
(*No Reino do Terror*)

*Um filme de Lewis Allen*

*Realização:* Lewis Allen / *Argumento:* Warren Duff, baseado numa história de Tiffany Thayer / *Produção:* Robert Fellows / *Montagem:* LeRoy Stone / *Direção de Fotografia:* John F. Seitz / *Música:* Victor Young / *Interpretações:* Alan Ladd (Ed Adams), Donna Reed (Rosita Jean d'Ur), June Havoc (Leona), Irene Hervey (Belle Dorset), Arthur Kennedy (Tommy Ditman), Berry Kroeger (Solly Wellman), Harold Vermilyea (Jack Anstruder), Sheppeder Strudwick (Edgar 'Blacky' Franchot), Dave Willock (Pig), Gavin Muir (G. G. Temple), John Beal (Paul Jean d'Ur), Tom Powers (Glenn Howard), Howard Freeman (Hotspur Shaner) / *Direção Artística:* Sam Comer, Ross Dowd / *Guarda-roupa:* Mary Kay Dodson / *Som:* Harold Lewis, Gene Garvin / *Cópia:* 35 mm, a preto e branco, falada em inglês com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 86 minutos / *Estreia Mundial:* 3 de novembro de 1949, Estados Unidos / *Estreia Nacional:* 9 de junho de 1950, Eden.

Aviso: a cópia denota desgaste em projeção, traduzindo-se este na existência de riscos e saltos na imagem, bem como ruído na banda sonora. O desgaste da cópia pode propiciar interrupções imprevistas na projeção.

\*\*\*

Ed Adams, repórter *hard boiled* especializado no crime, está interessado na morte da jovem Rosita – estará interessado na morte ou na morta? Já lá vamos. Depois de descobrir um caderno com números de telefone, junto ao seu leito de morte, num hotel rasca de uma zona escura da cidade, o repórter vai-se deixar embrenhar por uma investigação que lhe dá pistas a conta-gotas sobre quem verdadeiramente foi essa mulher. À maneira de um Jerry Thompson, o detetive de **Citizen Kane** [1941], Adams procura encaixar as peças de um *puzzle* complexo, revelando-se a morte de Rosita como “a ponta do icebergue” de uma rede intrincada, ou melhor, o corolário de um conjunto de más mas proeminentes companhias. Nos jornais, Rosita vai sendo retratada como uma libertina, mais uma *dame* do que uma *saint*. O único jornalista de facto no terreno, Adams, discorda dos colegas – algo lhe diz, e de muito profundo (ouvirá a defunta sussurrando “a verdade” a partir “do outro lado”?), que essa não era a verdadeira Rosita. Mas a procura pela verdade – a produção de um retrato mais fiel à modelo desaparecida – não é muito compatível com a política e moral – qual moral? – dos jornais: enquanto Adams não consubstanciar a sua crença – isto é, completar a sua investigação sob a forma de *puzzle* – a imagem pública da jovem rapariga, qual “Dália Negra”, vai sendo objeto de múltiplas distorções, fonte para uma *soap opera* mais ou menos sórdida e sem fim à vista.

A primeira conclusão a que Adams chega, depois de contactar alguns dos números presentes no caderno da vítima, é que o nome de Rosita causa vários “estremecimentos”. Talvez seja essa a palavra certa para caracterizar o efeito de Rosita no próprio Adams: um longo *estremecimento* causado pela memória (póstuma e desconstruída ou reconstruída, sob vários ângulos, todos igualmente falsos, todos igualmente verdadeiros) ou pela idealização (parte de uma obsessão transformada em tara sexual, amor necrófilo reminescente do clássico do *noir* da autoria de Otto Preminger, **Laura** [1944]) dessa principal ausência-presença no filme de

Lewis Allen. Para quem conhece a obra do realizador britânico, que veio do teatro londrino e que teve como obra de estreia em Hollywood, sob contrato com a Paramount, o fenomenal **The Uninvited** (1944), poderá ver aqui, neste *noir* que é fundamentalmente um veículo para os atores, “mais uma história de fantasmas” assinada por um cineasta que costumava dizer que o segredo de uma boa *ghost story* estava na crença que nela se devia depositar.

Em entrevista, um nonagenário Lewis Allen olhava para trás, para a sua longa carreira dividida entre o teatro, o cinema e a televisão (realizou vários episódios de algumas das séries mais populares do seu tempo, como **Bonanza** e **Mission Impossible**) e, à pergunta “qual o segredo para fazer um filme de fantasmas de sucesso?”, respondia: “Bem, penso que a razão para fazeres um filme de terror é tentares ser honesto e o mais direto que consigas. E não seres um farsolas. Tratei **The Uninvited** como se acreditasse nele. Esta é a minha explicação para tudo isto” (entrevista conduzida por Tom Weaver em 1997, republicada pela The Criterion Collection na edição *home cinema* de **The Uninvited**). Com efeito, a personagem de Alan Ladd é como o próprio Lewis Allen: tem fé no seu fantasma, para lá das “evidências” mais imediatas que alimentam, de modo ligeiro, as parangonas dos jornais.

É preciso frisar: as comparações com **Laura** não foram de todo despropositadas. Há mesmo uma sequência em que Alan Ladd adormece – o espectador, conhecedor do clássico com Gene Tierney, não fica indiferente depois do jornalista/detetive cair num sono profundo, porque sabemos como o *big sleep* tem o condão, no reino do *noir*, de ressuscitar os mortos... No entanto, o filme de Allen não é particularmente audaz, não sabendo como – ou não querendo de todo – renovar a ambiência sórdida e inquietante de **The Uninvited**, atmosférico “horror gótico”, filho de **Rebecca** (1940) e pai de **Vertigo** (1958) e **The Haunting** (1963), que transformava os fantasmas em interlocutores muito diretos dos vivos. Dizia eu: a coabitação desassombrada entre mortos e vivos não é alimentada convenientemente em **Chicago Deadline**. Mas é verdade que Allen anima a morta no rosto e corpo da atriz Donna Reed, uma muito cotada *star*, que ganhou notoriedade em papéis como o de Mary Hatch, em **It's a Wonderful Life** (1946), grande clássico natalício realizado por Frank Capra, mas acima de tudo enquanto Gladys Hallward, objeto de um amor sem tempo, que desafia a morte, em **The Picture of Dorian Gray** (1945) de Albert Lewin, adaptado do romance homónimo de Oscar Wilde.

O feitiço – ou o amor por uma morta (“She’s poison”, alerta, no início, o sinistro Solly) – torna-se irreversível na sequência em que Alan Ladd vislumbra a fotografia de Rosita, tirada antes de esta ser levada pelos “maus caminhos” que selaram o seu destino. O subgénero do *film noir* gosta da mistura entre fantasia, sonho e realidade – é-nos dada a sugestão (ou sou eu a sonhar alto?) de que foi a dita fotografia a desencadear no herói a fantasia mais virginal (vem dela a ideia de pureza que se sugere na imagem e, depois, nos *flashbacks* protagonizados por Reed), a mesma que alimentou a busca pela verdade neste reino de vivos dominados por um terror de morte. Terror e morte provocados pela corrupção e o cinismo sem escrúpulos da imprensa escrita, que aparece aqui sedenta de uma bela história de crime, saias e castigo.

Luís Mendonça